

# Ética da alteridade na obra literária de Dalcídio Jurandir

**Bruno da Silva Viana<sup>1</sup>**

**José Valdinei Albuquerque Miranda<sup>2</sup>**

**Resumo:** A arte literária constitui-se como fator primordial na compreensão e direcionamento da humanidade, a reconfiguração do pensamento artístico por intermédio dos diálogos entre a Arte e outras áreas do conhecimento propicia o surgimento de possíveis estudos, antropológicos, historiográficos, hermenêuticos e muitos outros, construindo assim, uma associação de ideias que se entrelaçam e se comprometem na produção de um saber de qualidade. A partir deste pressuposto a composição literária ganha uma dupla dimensão; à estética e a ética. Coube a nossos estudos compreender melhor a responsabilidade do escritor Dalcídio Jurandir ao escrever o ciclo literário “Extremo Norte” e perceber por meio de suas personagens, suas manifestações e diálogos, o pleno exercício de comprometimento ético do respectivo escritor em meio aos seus contextos, (rural/ribeirinho, urbano e educacional/formativo). Tal compreensão se fez possível por meio de uma peneira sinuosa em alguns romances do ciclo, entre eles; Chove nos Campos de Cachoeira, Três casas e um Rio e Primeira Manhã, navegando inclusive por suas entrelinhas, amparado pela Filosofia de Emmanuel Levinas em paralelo com a Educação. Junto a esta proposta e em meio ao deleite nas obras do escritor, surge o seguinte questionamento: a quem se destina a composição literária de Dalcídio?... E através das leituras interpretativas das suas obras chegou-se a seguinte resposta: “destinase ao destino dos (outros)” que assumem junto a Dalcídio a construção de uma formação não egoísta, mas, compartilhada.

**Palavras-chave:** Ética. Alteridade. Contexto Educacional.

## **INTRODUÇÃO**

O presente relatório de pesquisa vem mostrar o resultado do Plano de Trabalho “Ética da Alteridade na obra literária de

---

<sup>1</sup> Graduando da UFPA, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Polo Universitário de Limoeiro do AjuruPA. E-mail: vianabruno13@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da UFPA, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. E-mail: jneimiranda@ufpa.br

Dalcídio Jurandir” vinculado ao projeto de pesquisa PIBIC/INTERIOR intitulado: Educação e [Po]jética da Alteridade na obra Literária de Dalcídio Jurandir sob a coordenação do professor Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda, Faculdade de Educação do Campus Universitário do Tocantins/Cametá.

Este projeto está sendo desenvolvido com o apoio do PIBIC/INTERIOR que possibilita a realização dos estudos e pesquisas bibliográficas dos textos de Dalcídio Jurandir e de autores intérpretes e comentadores.

A literatura nos últimos anos desempenha papel importante na compreensão e direcionamento da humanidade em seus diferentes contextos e suas múltiplas dimensões, por isso ganha espaço nos estudos científicos e filosóficos, num compartilhamento de ideias e na elaboração de pesquisas afins. Além dos estudos especificamente literários e gramaticais como a sintaxe das palavras e os estilos literários, por exemplo, cabem-se hoje, possíveis estudos etnográficos, historiográficos, Hermenêuticos e muitos outros que configuram um texto não aleatório, mas, carregado de sentidos, não somente um texto estético, por isso, a análise da Ética da Alteridade configurase como mais uma das possíveis dimensões de estudo e reflexão por via da obra literária Dalcidiana do qual se propôs um estudo de cunho descritivo e interpretativo.

As obras que compõe o ciclo “Extremo Norte” do escritor Dalcídio Jurandir é um acervo envolvente para estudos em diversas áreas do conhecimento, servem como instrumento para a elaboração e reelaboração de reflexões e modelos de vida que proporcionam processos de cumplicidade entre o pensar e o fazer nas práticas de ensino, que sugere a relação com os outros. Frisaremos a análise deste trabalho nos estudos das obras dalcidianas dialogadas com os estudos da Filosofia da Alteridade de Emmanuel Levinas, desvendando a postura de compromisso do autor com a Literatura e com seus “outros literários” que enredam suas narrativas, tal postura demonstra sua responsabilidade com seu povo, suas diversidades e adversidades.

## **O TEXTO LITERÁRIO E A RESPONSABILIDADE DO ESCRITOR**

O processo de elaboração de um texto literário deve ser desempenhado por meio de aproximações com os objetivos propostos, de forma que, o escritor parta de uma realidade concreta para a consciência onde ocorre o processo reflexivo/diagnóstico com o objetivo de regressar para a realidade na possibilidade de influenciá-la ética ou esteticamente, durante esse processo metafísico do escritor é possível identificar traços que indicam suas perspectivas e sua postura diante da sociedade. Dalcídio em meio ao contexto marajoara possui o posicionamento de compromisso com seu povo ele dá voz e vida aos seus personagens que dialogam entre si, com o tempo, com o leitor e ouvinte denunciando seus contextos de exclusão em uma constante relação de domínio que certamente o incomodava.

A personagem Alfredo criado pelo autor, no uso de seu pensar tece questionamentos que dizem respeito ao seu desenvolvimento, naquilo que é enquanto se encontra no seu contexto ribeirinho e no que poderá tornar-se quando em contato com outros contextos que lhe aparecerão pelo caminho, por exemplo, o contexto urbano e o educacional, tendo que lidar com contemporâneos e desconhecidos o que lhe exigirá um gesto de envolvimento com diferentes alteridades.

Nas entrelinhas do discurso do autor é possível identificar rastros de sua concepção, além de seu posicionamento compromissado diante da sociedade, como se seus escritos fossem um prolongamento de seus anseios e um artifício que denunciam e digerem sua indignação em meio às desigualdades marajoaras.

## **RELAÇÕES ÉTICAS E O MODO DE PENSAR O OUTRO NOS “EXTREMOS”**

Dalcídio quando se predispõe a escrever um ciclo com dez romances com certeza o faz com uma carga de responsabilidade que vem de suas experiências de leituras e envolvimento sociocultural possivelmente fatores que contribuíram para a sua

tomada de decisão na construção do ciclo literário “Extremo Norte”. Coube a nossos estudos pensar melhor o compromisso ético de Dalcídio não só na literatura escrita, mas também no contexto literário ao qual o próprio autor se insere, podemos identificar uma parcela desses compromissos com o “outro” por meio de alguns recortes de suas obras, estes recortes apresentam uma descrição repleta de encontros, diálogos, tensão e envolvimento, iremos elencar alguns destes recortes que dizem respeito aos sujeitos que motivam a narrativa de Dalcídio:

### Relação do personagem Alfredo com sua mãe e Lucíola

Apanhou a caixa dos cueiros e dos brinquedos de Alfredo. Era do tempo em que engatinhava, ou pedia colo e queria passear: Mamãe, ciá! Mamãe, ciá! E ali estava recolhida a infância dele, o menino, lá na rua, nada mais era senão homem. (JURANDIR, 1994, p. 195) [Sic].

Sua mãe cantava assim com essa quentura humana, essas lembranças e ele não sabia que quando ela cantava para o adormecer, era com todo esse peso de sofrimento, de saudade. Por isso achava aquele encanto nas modinhas de sua mãe. Vinham da carne, da sua experiência, de sua aventura nos seringais, do filho morrendo debaixo do jirau e sucurijus levando, daquelas febres sombrias e fabulosas das ilhas... Depois foi sentindo em sua mãe, não porque era sua mãe, uma voz que o engrandecia, falava mais de perto com ele. (JURANDIR, 1991, p.79).

Duas mulheres que acompanham o personagem Alfredo desde sua primeira infância na maior parte dos seus estágios de desenvolvimento e afetividade. A presença marcante dessas figuras femininas sua madrinhamãe Lucíola e sua mãe D. Amélia, demonstra um cuidado maternal, Lucíola apesar de não ser sua consanguínea adquire cuidados com Alfredo que transpõe a genealogia como única possibilidade de afeição.

### A infância

Na idade de Alfredo, que fazia? Que lhe ficara enfim da infância? Um quarto para brincar, 131 o tédio de tudo a seu alcance, nenhuma miragem, nenhuma coisa impos-

sível, amas e mimos. Que fizera de sua infância? Onde estaria ela quando a de Alfredo, tão nua de brinquedo e de amas eriçadas de desejos, o desprezava e o agredia? (JURANDIR, 1994, p. 130 131).

Uma infância que precisa acontecer como parte fundamental na construção da subjetividade humana, mas, que por vezes é atropelada em meio aos ideais da modernidade onde o sujeito é influenciado a vivenciar desde cedo práticas de concorrência e de exclusão, enfim, de disparidade social como o próprio Dalcídio se questiona por meio da personagem “Edmundo Menezes” obrigado desde cedo a estudar na Europa. Que fizera de sua infância?

### A relação do homem com o meio ambiente e suas adversidades

[...] Mais para longe já eram os campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos tontos. E a tarde parecia inocente, diluída num sossego humilde e descia sobre os campos queimados como se os consolasse. Voltava donde começavam os campos escuros [...] (JURANDIR, 1991, p. 2).

[...] As mãos tremem no peitoril da janela, a língua se estica para fora como de jararaca, a voz de Irene vem com o vento morno que traz dos campos o cheiro de estrume de gado, da terra assada pelo fogo e pelo sol. Assobia vagamente, Irene, como o vento, o envolve de mormaço. (JURANDIR, 1991, p. 123).

As montarias encostarão na ponte mandada fazer por ele todos os anos, ligando o chalé à ponta do aterro e o chalé dentro d'água será uma ilha nos campos de cachoeira entre mururés<sup>3</sup>, matupiris<sup>4</sup> e poraquês<sup>5</sup>. (JURANDIR, 1991, p. 146). [Sic]

<sup>3</sup> Botânica região amazônica. Tipo de árvore da família das moráceas cujas flores possuem receptáculos em forma de globo.

<sup>4</sup> Peixe caracínídeo do rio Amazonas (*Tetragonopterus chalceus*), correspondente ao lambari do Sul do Brasil.

<sup>5</sup> Peixe capaz de emitir intensa descarga elétrica. Também é conhecido como enguia elétrica e peixe elétrico.

Mas os pobres que não tem montaria nem casco vêm, como o Argemiro. Têm de passar perto da barraca do Rosa com água até o peito. Os moleques trazem os seus trapos na mão e se vestem no aterro. Primeiro tiram as sanguessugas do corpo. (JURANDIR, 1991, p. 153).

Dr. Casemiro Lustosa é o novo proprietário dos campos de Cachoeira. Com ele os pobres não podem mais tirar lenha, a cerca já foi levantada e de arame farpado. Velho Guaribão teve razão quando disse que o advogado comeu o patrimônio da vila. Veio com a gana de comprar todos os campos da redondeza e cercouos com arame farpado. Eram os campos onde o povo podia tirar a sua lenha, o seu muruci, um ou outro ovo de camaleão, fazer seu passeio. Tudo agora tem um dono só. A vila não pode se estender mais para os campos porque na cerca tem uma tabuleta com letras pintadas pelo Raul com uma negra mão indicando: BEM COMUM propriedade do Dr. Casemiro Lustosa. (JURANDIR, 1991 p.154).

— Então [Estão] vendo o espetáculo? Vejam só a cerca de arame já dá uma ideia do que será o Bem Comum e de quanto Cachoeira vai lucrar. Está bonita a cerca. Já dá um aspecto de civilização, não acham? Já lembra as granjas americanas... (JURANDIR, 1996, p.156).

E agora Alfredo sabe que nem essas mãos nem as grandes chuvas em Março curam as marcas das feridas. (JURANDIR, 1991, p. 4).

Aí se verifica um Dalcídio que expõe sim seu contexto marajoara com suas belezas naturais suas paisagens, mas, ressalta também as adversidades provocadas pelo movimento da natureza como as intensas chuvas e os animais peçonhentos, desmistificando, a imagem exótica do Marajó e demonstrando que em seu contexto existem pessoas, com tradições, culturas, imaginários e envolvimento social. Quando se fala em Marajó lembrese apenas de um contexto geográfico das belas paisagens.

Dalcídio também denuncia o latifúndio com a má distribuição de terra representado na figura do Dr. Casemiro Lustosa que devasta grandes áreas que antes eram florestas onde a população conseguia extrair da própria natureza o seu

alimento e também podia dar os seus passeios frequentes nas matas algo que fazia parte de uma interação cultural entre o homem e o meio ambiente, mas, as cercas foram colocadas separando não somente o homem ribeirinho do seu habitat, mas também, de um sentimento de pertencimento construído historicamente para dar lugar à pecuária desenfreada.

### Sociointeração entre os sujeitos marajoaras

Se o centro, como um coração, mantinha alguma água para onde traziam socorros, o casco rachado e lamento descobria o esqueleto da lagoa. O coração vazava sempre. Nem todos os poços da redondeza seriam capazes de salvá-lo. E Alfredo sentiu em todo aquele trabalho uma aproximação com os moleques como [332] até então nunca sentira. Estava igual a eles, que compreendiam a inutilidade da luta, mas continuavam ali fiéis, confidentes e companheiros. (JURANDIR, 1994, p. 176).

Encontramos aí uma aproximação do personagem Alfredo com os “moleques” eles tentam juntos concertar uma canoa, tão diversos entre si, mas envolvidos de uma não hostilidade, deixando o em si e partindo para uma nova estrutura eminentemente ética, segundo (LEVINAS, apud MIRANDA, 2014 p. 8) o “umparaooutro” que posteriormente passou a ser o um “peloutro”. Talvez com o concerto da canoa eles possam juntos navegar.

### A formação

Voltou a olhar, com súbito ressentimento, para Edmundo a quem havia pedido com ingenuidade, dias atrás, para dar umas aulas a Alfredo. Talvez este, pegando amizade nele, fugisse do ambiente do chalé. Depois, já não havia a bem dizer escolas em Cachoeira. A professora pedira licença para tratamento de saúde. O professor, resmungando algarismos, amarelo, soturno, enfeitava o quadro com a sua caprichosa caligrafia. Mas não esperava esta resposta de Edmundo: [345] — Quer também que eu seja o pai de Alfredo? : Foi uma espécie de surdo desabafo. Negavase a dar uma simples lição ao menino tão esfomeado de saber. Para que então estudara lá na Inglaterra? De que valiam seus conhecimentos? Ouvirao

dizer, certa vez, sem entendê-lo: Aprendi para ser um proprietário. Que queria dizer com isso? (JURANDIR, 1994, p. 183).

— Que poderia ser de Alfredo? A Alfredo a quem neguei dar lições. E verdade, é verdade [...] Mas de que valia ensinar o que ainda Sei? O conhecimento que adquiri foi como água num copo sujo. Ninguém pode bebala. Está contaminada. Alfredo aprenderá por si mesmo. Saberá aprender, com tremendas dificuldades, o que aprendi sem nenhuma e inutilmente [...] E que destino teria essa criança? (JURANDIR, 1994, p. 185) [Sic].

Destacase aí uma reflexão do escritor para com a formação dos sujeitos que compõe o contexto das cidades e vilas marajoaras, pautado em uma educação punitiva, rígida com carência de professores, com aulas centradas apenas na transmissão de conhecimentos abstratos que pouco faziam sentido no cotidiano cultural dos alunos, um modelo de ensino que pouco primava pela construção criticocultural dos sujeitos. Posteriormente no contexto da capital encontrarseá as mesmas e outras dificuldades educacionais, principalmente na obra Primeira Manhã onde a personagem Alfredo encontra vários descaminhos em busca de uma formação de qualidade. Já na figura do personagem Edmundo Menezes se revela uma inconformidade com sua formação uma formação não responsiva que primava tão somente pela posse de bens, isso o leva a negar ensinamentos a Alfredo, pois o considera prejudicial ao menino.

Todos esses são cuidados que se configuram no que já afirmamos anteriormente, numa preocupação com o destino do povo marajoara e porque não com lugares de esquecimento e sujeitos do esquecimento espalhados mundo a fora? Daí vem o que denominamos de “cuidado ético em Dalcídio Jurandir”, essa percepção que expõe sua literatura ao contexto a qual pertence de forma a envolver todo um contexto literário que pertença também ao outro.

A efetivação da relação com o rosto dá-se na disposição de oferecer a resposta que ele exige, ou seja, “efetivase na inadiável urgência com que ele exige uma resposta” (LEVINAS, 1980, apud TADEU, 2013, p. 243).



O autor que usa a literatura como resposta ética ao outro e não o outro como justificativa para a sua literatura.

## **UM ENCONTRO POSSÍVEL QUE ANTECEDE À REPRESENTAÇÃO: A DESCRIÇÃO ENQUANTO VIDA**

Dalcídio chega a um ponto que destaco ser crucial na literatura a aproximação quase íntima entre vida e representação, um gesto que insere o leitor numa conjectura de fatos simultâneos a existência humana rompendo com a objetivação do pensamento, um texto repleto de contornos, aromas, sabores, diálogos um entrelaçar de realidades, Levinas aborda esta questão referindo-se a filosofia.

Quando filosofia e vida se confundem, não se sabe mais se alguém se debruça sobre a filosofia, porque ela é vida, ou se preza a vida, porque ela é filosofia. A contribuição essencial da nova ontologia pode aparecer na sua oposição ao intelectualismo clássico. Compreender o instrumento não consiste em vê-lo, mas em saber manejá-lo; compreender nossa situação no real não é definí-la, mas encontrá-la numa disposição afetiva; compreender o ser é existir... Pensar não é mais contemplar, mas engajar-se, estar englobado no que se pensa, estar embarcado—acontecimento dramático do ser-no-mundo. (LEVINAS, A ontologia é fundamental? p. 23).

Dessa maneira Dalcídio foge da intelectualidade e intencionalidade no escrever respeitando a história de um povo não sobrepondo o seu escrever em relação aos que provocam o surgimento de sua literatura respeitando e tendo como fundamental os encontros possíveis entre os sujeitos seus modos e meios de engajar-se na vida e os caminhos que por vezes são obrigados a vivenciar.

Com essa nova proposta literária associada ao pensamento filosófico de Levinas o desenvolvimento da trama e das personagens segue uma linha de pensamento que personifique a gama indentitária de um povo.

Assim, o outro se apresenta como alguém que tem a sua própria identidade e não a identidade construída pelo eu cognitivo. Agora ele aparece como um convite ao esta-

belecimento de uma relação social e não como um objeto que pode ser feito tema e, portanto, objeto. (TADEU, 2013, p. 240).

Daí a necessidade de cuidados na representação para que na transposição literária não se cometam equívocos que expressem os sujeitos e suas relações sociais de maneira equivocada e ofensiva de sua vivência, pois, ao realizar esta transposição nada mais se faz do que colocar todo um contexto na ordem da figura pública que vire volta pode ser revisitada por meio de suas leituras. É escrever não o que se quer, mas o que é possível sem ferir a realidade de um povo algo semelhante ao trabalho de um etnógrafo.

Os sujeitos da relação intersubjetiva podem acordar circunstâncias que lhe sejam favoráveis, mas não favorecem outrem. É aqui que se reclama o ultrapassamento do particular nós e o implemento do universal da ordem pública: “tudo que se passa aqui entre nós diz respeito a toda gente, o rosto que o observa colocase em pleno dia da ordem pública”. (LEVINAS, 1980, apud. TADEU, 2013, p. 244).

Percebe-se assim que o processo de escrita é muito mais profundo do que imaginamos ou imaginávamos vai muito além de caneta, lápis e papel ou das teclas de um computador ou qualquer outro tipo de inovação é muito além da intencionalidade do ganhar usando por vezes a ideologia estética como principal aliada é muito além da representação ou tentativa de uma representação de seres que por vezes tornam-se irrepresentáveis pela distância que o mantemos e pelo lugar aversivo em que o colocamos, sobretudo, é tentar descrever aquilo que se vê e sente da melhor forma possível tendo como princípio norteador a ética que se sustenta no zelo que devemos ter uns pelos outros. Cabemos então mais um questionamento como representar literariamente sem distorcer ou menosprezar as relações de um povo? É só realizar o processo que o próprio Dalcídio o fez, a descrição pura e poética que nada mais é do que encontrar nas relações dos sujeitos a poesia que os torna presentes, vivos como condição favorável na prática do pensar e numa possível melhora das condições existenciais.

## RESPOSTA ÉTICA E ALTERIDADE NA EDUCAÇÃO

Um dos setores que interpela por uma resposta ética a muito tempo é o setor educacional onde se percebe frequentemente hostilidades nas relações ensinoaprendizagem entre os membros que compõe o recinto escolar. Encontramos isso na descrição que Dalcídio faz quando trata deste tema por meio principalmente da personagem Alfredo que no decorrer do ciclo literário Extremo Norte passa por diversos processos de formação<sup>6</sup>. Por isso o contexto educacional também sofre a influência da abstração que fazemos de um “outro” que é transbordamento do eu.

Em busca do sentido do humano, o filósofo elabora uma verdadeira reconstrução da subjetividade e conjuntamente recria uma nova relação ética com a alteridade, inscrita na relação face a face em que o Outro não é simplesmente representado e integrado à estrutura do Eu, ao contrário, o Outro é transbordamento, pura inadequação às categorias do Eu, uma absoluta alteridade na qual se expressa a ideia de infinito. (VALDINEI, 2014, p. 20).

Dáí a necessidade de mantermos a atenção redobrada nos espaços de formação, pois se tratam de lugares frequentes de diálogos, encontros, contatos, enfim, de envolvimento entre sujeitos com suas alteridades. Neste sentido cabe em todo processo educativo a relação de hospitalidade entre seres estrangeiros experimentando a possibilidade de proximidades por meio do convívio, processo que não se dá de forma instantânea como descreve (Anne Dufourmantelle, 2003, apud VALDINEI 2014, p. 23).

Quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre a de uma indefinível inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal estar se interrompe. Uma nova familiaridade se segue ao susto provocado em nós pela irrupção de um outro.

---

<sup>6</sup> Sobre os Processos de formação de Alfredo ler o Trabalho de pesquisa intitulado “Cultura e Alteridade na obra Primeira Manhã de Dalcídio Jurandir”. PROPESP/CNPq 20142015.

Portanto, quando entrarmos na escola e em seus espaços faz-se necessário realizar esta mutação que parte da inquietude provocada pelo desconhecido até a familiaridade e o envolvimento entre todos e não a transformação de tal inquietude em um exílio interno na sala de aula como percebemos frequentemente nas experiências educativas, onde sujeitos encontram-se presentes fisicamente e mentalmente na sala, exaltando desenfreadamente o conhecimento para alimentar cada vez mais o seu ego, sua estima, poder e sobreposição sobre um “outro” e as relações entre estes membros? Portanto, conhecimento e hospitalidade devem entrelaçarse, pois, necessitase enfatizar o ambiente de convívio junto a prática educativa em um constante processo de exposição.

Na educação, o sujeito que não se expõe ao desconhecido é incapaz de sentir a força transformadora do encontro com o Outro, a qual está na base da experiência educativa. (VALDINEI, 2014, p. 21).

Por meio de descrições sobre o contexto educacional a obra literária de Dalcídio traz à tona questões que permeiam o campo da filosofia da Alteridade que se personifica no ambiente escolar quando se refere às práticas educativas, e do acolhimento ao outro, respeitando as especificidades de cada sujeito na construção do conhecimento e percebendo a relação com o outro no processo de ensino aprendizagem.

Através de seu personagem central “Alfredo”, Dalcídio demonstra querer uma formação não exclusiva, isolada, mas compartilhada, como esclarecimento que perpassa por todos os âmbitos e não se centralize em um egocentrismo rotineiro.

Percebe-se assim, que a experiência educativa só terá êxito e será verdadeira quando se experimentar esse encontro não aversivo a estrutura de um rosto desconhecido e ter em mente a proposta da produção do conhecimento já nas práticas de encontro com o “outro” o vendo não como objeto manipulável, mas como uma construção. É neste ponto que a literatura de Dalcídio e a filosofia de Levinas comungam, na aposta que ambos dão à um construto entre sujeitos que demonstram ser sempre aquilo que não se imagina.

## REFERÊNCIAS

Asas da Palavra revista de Letras Belém: Unama, v 13 n. 26, 2010/ 2011. Anual.

ASSIS, Rosa. CERQUEIRA, Ana. Evém chuva... Um glossário de Dalcídio Jurandir. 2. ed. Belém: Amazônia, 2009.

<http://www.dicio.com.br>: Dicio Dicionário Online de Português. Acesso, 17 de Junho de 2016

FARIAS, Fernando. Jorge Santos. Representação da Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar. Belém/ PA, 2009

JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de cachoeira. 4. ed. Belém: Cejup, 1995.

\_\_\_\_\_. Três casas e um rio. 3. ed. Belém: Cejup, 1994. 396 p.

\_\_\_\_\_. Primeira Manhã. São Paulo: Martins, 1967.

MIRANDA, José Valdinei Albuquerque. Sensibilidade ética em Emmanuel Levinas. Revista Kinesis. Marília: UNESP, v.03, p 170-183, 2011.

\_\_\_\_\_. Levinas e a reconstrução da subjetividade ética aproximações com o campo da educação. Revista Brasileira de Educação v. 19 n. 57 abr.jun. 2014

\_\_\_\_\_. Educação e Poética da Alteridade na Obra literária de Dalcídio Jurandir (Projeto de Pesquisa) UFPA, PROPESP, 2014.

<http://www.dicio.com.br>: Dicio Dicionário Online de Português. Acesso, 17 de Junho de 2016 11h 35min.